

Ele, porém, ouvindo, disse: Os sãos não tem necessidade de médico, mas os que estão doentes.

Mateus
9:12

Ante o divino Médico

Milhões de nós outros, — os espíritos encarnados e desencarnados em serviço na Terra, — somos almas enfermas de muitos séculos.

Carregando débitos e inibições, contraídos em existências passadas ou adquiridos agora, proclamamos em palavras sentidas que Jesus é o nosso divino Médico. E basta ligeira reflexão para encontrar no Evangelho a coleção de receitas articuladas por ele, com vistas à terapia da alma.

Todas as indicações do sublime formulário primam pela segurança e concisão.

Nas perturbações do egoísmo: *“faze aos outros o que desejas que os outros te façam.”*

Nas convulsões da cólera: *“na paciência possuirás a ti mesmo.”*

Nos acessos de revolta: *“humilha-te e serás exaltado.”*

Na paranoia da vaidade: *“não entrarás no reino do Céu sem a simplicidade de uma criança.”*

Na paralisia de espírito por falsa virtude: *“se aspiras a ser o maior, sê no mundo o servo de todos.”*

Nos quistos mentais do ódio: *“ama os teus inimigos.”*

Nos delírios da ignorância: *“aprende com a verdade e a verdade te libertará.”*

Nas dores por ofensas recebidas: *“perdoa setenta vezes sete.”*

Nos desesperos provocados por alheias violências: *“ora pelos que te perseguem e caluniam.”*

Nas crises de incerteza, quanto à direção espiritual: *“se queres vir após mim, nega a ti mesmo, toma a tua cruz e segue-me.”*

Nós, as consciências que nos reconhecemos endividadas, regozijamo-nos com a declaração consoladora do Cristo:

— *“Não são os que gozam de saúde os que precisam de médico.”*

Sim, somos espíritos enfermos com ficha especificada nos gabinetes de tratamento, instalados nas Esferas superiores, dos quais instrutores e benfeitores da Vida maior nos acompanham e analisam ações e reações, mas é preciso considerar que o facultativo mesmo sendo nosso Senhor Jesus Cristo, não pode salvar o doente e nem auxiliá-lo de todo, se o doente persiste em fugir do remédio.

(Livro da esperança. Ed. Comunhão Espírita Cristã. Cap. 78)

Enfermos da alma^{III}

Aqui e ali, encontramos inúmeros doentes que se candidatam ao auxílio da ciência médica, mas, em toda parte, igualmente, existem aqueles outros, portadores de moléstias da alma, para os quais há que se fazer o socorro de espírito. E nem sempre semelhantes necessitados são os viciados e os malfeitores, que se definem, de imediato, por enfermos de ordem moral quando aparecem. Vemos outros muitos, para os quais é preciso descobrir o remédio justo e, às vezes, difícil, de vez que se intoxicaram no próprio excesso das atitudes respeitáveis em que desfiguraram os sentimentos, tais como sejam:

os extremistas da corrigenda, tão apaixonados pelos processos punitivos, que se perturbam na dureza de coração pela ausência de misericórdia;

os extremistas da gentileza, tão interessados em agradar, que descambam, um dia, para as deficiências da invigilância;

os extremistas da superioridade, tão agarrados à ideia de altura pessoal, que adquirem a cegueira do orgulho;

os extremistas da independência, tão ciosos da própria emancipação, que fogem ao dever, caindo nos desequilíbrios da licenciosidade;

os extremistas da poupança, tão receosos de perder alguns centavos, que acabam transformando o dinheiro, instrumento do bem e do progresso, na paralisia da avareza em que se lhes arrasa a alegria de viver.

Há doentes do corpo e doentes da alma.

É forçoso não esquecer isso, porque todos eles são credores de entendimento e bondade, amparo e restauração.

Diante de quem quer que seja, em posição menos digna perante as leis de harmonia que governam a Vida e o universo, recordemos as palavras do Cristo: “não são os que gozam saúde que precisam de médico.”

(Reformador, jul. 1966, p. 146)

Nos quadros da luta

Se já acendeste a Luz do conhecimento superior na própria vida, não desdenhes estendê-la aos ângulos da jornada — que ainda mostrem a antiga dominação da sombra.

Disse-nos o Senhor — “Eu não vim para curar os sãos”.

E nenhum de nós recolhe os talentos do Céu para encarcerá-lo na torre do egoísmo, a pretexto de sustentar a virtude.

Não olvides, agora que te refazes ao contato do divino Médico, aqueles enfermos da própria senda que se nos afiguram perseguidores na marcha de cada dia.

Nossos desafetos do passado, qual acontece com os nossos amigos do pretérito, nos rodeiam, em toda parte.

Reencarnam-se, antes de nós, retomam os laços físicos, ao pé de nosso roteiro, ou reaparecem ao nosso lado, quando a nossa experiência na carne já se encaminha na direção do crepúsculo.

Aqui, são as criaturas que nos hostilizam

no templo doméstico, ostentando o título de familiares queridos; ali, surgem na feição de companheiros repentinamente arrebatados à incompreensão e, mais além, às vezes, nos partilham a estrada até mesmo na condição de filhos de nosso amor.

Entretanto, é preciso considerar que não iluminamos para fugir às trevas, nem nos fazemos fortes para esquecer os fracos.

É imperioso saibamos transportar conosco, nos braços do serviço e da paciência, os próprios adversários reencarnados, muita vez, credores de nossa vida, sem cujo auxílio não nos retiraremos do vale da indecisão.

Unge-te de carinho e devotamento e ampara com segurança a quantos te fazem padecer e chorar.

As mãos ingratas ou infelizes, os corações enrijecidos e as almas doentes que nos cercam constituem hoje a colheita de nossa própria sementeira de ontem no terreno do destino.

Imprescindível nos disponhamos a

ajudá-los, restaurando-os para o bem, porque somente assim alijaremos dos próprios passos os espinheiros envenenados, que amontoamos, imprevidentes, em nosso próprio caminho.

Quando estiveres sob o impacto de tribulações e de agravos, não identifiques, dessa forma, por onde passes, a lâmina da perversidade ou o ferrete da culpa, mas sim, a moléstia da ignorância ou a chaga da própria dívida, para que, usando a caridade, incessantemente, possas partir dos sofrimentos da noite para as alegrias do grande Alvorecer.

(Escrínio de luz. Ed. O clarim. Cap. “Nos quadros da luta”)

Perante os caídos¹¹⁵

Tão fácil relegar ao infortúnio os nossos irmãos caídos!... Muitos passam por aqueles que foram acidentados em terríveis enganos e nada encontram a fim de oferecer-lhes, senão frases como estas: “eu bem disse”,

“avisei muito”... No entanto, por trás da queda de nosso amigo menos feliz estão as lutas da resistência, que só a Justiça divina pode medir.

Esse foi impelido à delinquência e faz-se conhecido agora por uma ficha no cadastro policial; mas, até que se lhe consumasse a ruína, quanto abandono e quanta penúria terá arrastado na existência, talvez desde os mais recuados dias da infância!... Aquele se arrojou aos precipícios da revolta e do desânimo, abraçando o delírio da embriaguez; contudo, até que tombasse no descrédito de si mesmo, quantos dias e quantas noites de aflição terá atravessado, a estorcegar-se sob o guante da tentação para não cair!... Aquela entrou pelas vias da insensatez e acomodou-se no poço de infelicidade que cavou para si própria; todavia, em quantos espinheiros de necessidade e perturbação ter-se-á ferido, até que a loucura se lhe instalasse no cérebro atormentado!... Aquele outro desertou de tarefas e compromissos em cuja execução empenhara a vitória da própria alma e resvalou para experiências menos

dignas, comprometendo os fundamentos da própria vida; no entanto, quantas tribulações terá aguentado e quantas lágrimas vertido, até que a razão se lhe entenebrecesse, abrindo caminho à irresponsabilidade e à demência!...

Diante dos companheiros apontados à censura, jamais condene! Pensa nas trilhas de provação e tristeza que perlustraram até que os pés se lhes esmorecessem, vacilantes, na jornada difícil! Reflete nas correntes de fogo invisível que lhes terão requeimado a mente, até que cedessem às compulsões terríveis das trevas!... Então, e só então, sentirás a necessidade de pensar no bem, falar no bem, procurar o bem e realizar unicamente o bem, compreendendo, por fim, a amorosa afirmação de Jesus: “Eu não vim à Terra para curar os sãos”.

(Reformador, set. 1969, p. 216)

Acidentados da alma

Compadeces-te dos caídos em moléstia ou desastre, que apresentam no corpo comovedoras mutilações.

Inclina-te, porém, com igual compaixão para aqueles outros que comparecem, diante de ti, por acidentados da alma, cujas lesões dolorosas não aparecem. Além da posição de necessitados, pelas chagas ocultas de que são portadores, quase sempre se mostram na feição de companheiros menos atrativos e desejáveis.

Surgem pessoalmente bem-postos, estadeando exigências ou formulando complicações, no entanto, bastas vezes, trazem o coração sob provas difíceis; espancam-te a sensibilidade com palavras ferinas, contudo, em vários lances da experiência, são feixes de nervos destrambelhados que a doença consome; revelam-se na condição de amigos, supostos ingratos, que nos deixam em abandono, nas horas de crise, mas, em muitos casos, são enfermos de espírito, que se enviscam, inconscientes, nas tramas da obsessão; acolhem-te o carinho com manifestações

de aspereza, todavia, estarão provavelmente agitados pelo fogo do desespero, lembrando árvores benfeitoras quando a praga as dizima; são delinquentes e constroem-te a profundo desgosto, pelo comportamento incorreto; no entanto, em múltiplas circunstâncias, são almas nobres tombadas em tentação, para as quais já existe bastante angústia na cabeça atormentada que o remorso atenaza e a dor suplicia...

Não te digo que aproves o mal, sob a alegação de resguardar a bondade. A retificação permanece na ordem e na segurança da vida, tanto quanto vige o remédio na defesa e sustentação da saúde. Age, porém, diante dos acidentados da alma, com a prudência e a piedade do enfermeiro que socorre a contusão, sem alargar a ferida.

Restaurar sem destruir. Emendar sem proscrever. Não ignorar que os irmãos transviados se encontram encarcerados em labirintos de sombra, sendo necessário garantir-lhes uma saída adequada.

Em qualquer processo de reajuste,

recordemos Jesus, que, a ensinar servindo e a corrigir amando, declarou não ter vindo à Terra para curar os sãos.

(*Estude e viva*. Ed. FEB. Cap. 17)

Em plena marcha

(*Nascer e renascer*. Ed. GEEM. Cap. Em plena marcha)¹¹⁴

¹¹⁴ Nota da equipe organizadora: Texto publicado em *Bênção de paz*. Ed. GEEM. Cap. 29, com pequenas alterações.

¹¹⁵ Nota da equipe organizadora: Texto publicado em: *Instrumentos do tempo*. Ed. GEEM. Cap. “Perante os caídos”, com pequenas alterações; *Alma e coração*. Ed. Pensamento. Cap. 42, com pequenas alterações.

¹¹⁶ Vide nota 9, p. 27.